

SISTEMAS INTEGRADOS DE FRANGOS E SUÍNOS: UMA VISÃO DOS PRODUTORES

MENEGHELLO, Geri E., KOHLS, Volnei K., BARUM, Alexandre O., BEZERRA, Antônio J. A., RIGATTO, Paulo

UFPEL/FAEM – DCSA, Cx. Postal 354, CEP 96010-900 – Pelotas/RS, Brasil
(Recebido para publicação em 11-06-1999)

RESUMO

Buscando-se perceber até que ponto os produtores integrados, que tem baixo poder de negociação ante a agroindústria, participam de uma perspectiva otimista das cadeias de frangos e suínos, avaliou-se o "nível de satisfação" dos mesmos, através de entrevistas. O trabalho foi realizado na Encosta Superior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Foram consultados 46 produtores integrados, abordando-se os aspectos de estrutura da produção, indicadores sócio-econômicos, sistema de produção e relações com a agroindústria, identificando as variáveis que levaram o produtor à situação de satisfação ou insatisfação. Considerando-se todos os entrevistados, 68% dos produtores de suínos e 59% dos de aves mostraram-se satisfeitos com o sistema, indicando como principais motivos para tal a estabilidade da atividade e o não desembolso de capital para custeio dos lotes.

Palavras-chave: Nível de satisfação, cadeia produtiva, competitividade, agricultura familiar.

ABSTRACT

INTEGRATED SYSTEMS OF CHICKENS AND PIGS: A VISION OF THE PRODUCERS. Looking for to detect to what extent the integrated producers, that has low power of negotiation in the face of the agricultural industries, participated of an optimistic perspective to the chains of chickens and pigs, was identified its "satisfaction level" through interview. The work took place in Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Forty-six integrated producers were interviewed, considering the aspect of production structure, socioeconomic indicators, production system and relationships with the agricultural industries, identifying the variables that took the producer to the satisfaction or dissatisfaction. Being considered all the interviewees, 68% of producer of pigs and 59% of the producer of chicken were shown satisfes with the system, indicating as the most important motives for it, the stability of the activity and the no payment to finance the creations.

Key words: Satisfation level. productive chain, competitiveness, familiar agriculture.

INTRODUÇÃO

O setor agropecuário, ou mais precisamente as atividades realizadas dentro da porteira, deixou, há muito, de ser um elo isolado da economia, mas sim, um segmento importante de um complexo sistema integrado de produção de alimentos. É reconhecido também que, historicamente, o conflito distributivo do valor agregado nas diversas etapas da cadeia agroalimentar, tem sido desfavorável ao segmento agropecuário e, por conseqüência, é considerado o mais "sensível" dentro do complexo agroindustrial.

Em trabalho recente sobre a competitividade do agribusiness gaúcho (JANK, 1995), realizou-se um amplo diagnóstico que resultou num elenco de sugestões de ações a

serem implementadas no curto, médio e longo prazos, sejam nos aspectos técnicos, de gestão e/ou de coordenação dos sistemas. Num momento de crise dos mecanismos tradicionais de intervenção governamental, de abertura de fronteiras, integração regional, desregulamentação dos mercados, concorrência em preços e qualidade com outros Estados e Países nos mercados interno e externo, o momento exige o desenvolvimento de novas relações entre os segmentos do agribusiness, baseadas em posturas e formas de conduta do governo e do setor privado, na busca de um melhor desempenho do setor. Uma das conclusões do trabalho é que, a noção de competitividade e eficiência sistêmica desde a pesquisa até o consumidor final passa, não apenas pelo aumento de produtividade e redução de custos em segmentos isolados da cadeia agroalimentar, mas por uma capilaridade eficaz de informações, relações contratuais, parcerias, alianças estratégicas, sob uma ação coordenada dos setores público e privado. Para FARINA & ZILBERSZTAJN (1994), citado em JANK (1996), "sistemas competitivos são aqueles que conseguem aliar estruturas tecnológicas eficientes e formas organizacionais com um mínimo de atritos e facilitadoras do processo adaptativo sistêmico". Já para JANK (1996), competitividade é a "capacidade de criar e sustentar riqueza para a sociedade a partir de estruturas tecnológicas e formas organizacionais eficientes e adaptáveis, que constituam sistemas coordenados cujo desempenho no mercado mostre-se superior ao obtido pelos concorrentes. Conceitos mais amplos definem competitividade como o "crescimento sustentado e bem distribuído do padrão de vida da população".

O estudo de diferentes experiências é oportuno nesse momento de crise, onde a criatividade aliada a competência, uma vez discutidas e democratizadas nas câmaras setoriais, podem significar a superação da maior parte dos problemas referentes a cadeia agroalimentar, especialmente os conflitos distributivos. Estudos e relatos de experiências nos diversos segmentos da cadeia agroalimentar, constituir-se-ão em importantes subsídios para as discussões entre as instituições de pesquisa, universidades, setor empresarial, cooperativas, organizações de produtores e setor público, os quais deverão apontar para um conjunto de ações integradas, coordenadas pelos principais agentes envolvidos.

As cadeias de frango e suínos são competitivas e deverão ampliar o seu mercado nos próximos anos para os países do Mercosul. Segundo JANK (1996), o sucesso competitivo do frango e do suíno brasileiros, quando comparado à estagnação da carne bovina por exemplo, não é mera coincidência que decorre simplesmente do produto em questão. Além de qualidade, sanidade e preços mais estáveis, o sistema agroindustrial do frango e do suíno conta, acima de tudo, com uma maior capacidade de adaptação às exigências dos diferentes segmentos de consumidores presentes nos mercados nacional e internacional. O autor atribui esta capacidade de adaptação à presença de uma estrutura organizacional baseada nas pequenas propriedades

integradas “contratualmente” às agroindústrias, o que facilita a transferência de tecnologia e em consequência a obtenção regular e padronizada de matérias-primas. De acordo com MULLER citado por JANK (1997) cerca de 70% da produção brasileira de aves e suínos provém de estabelecimentos com menos de 50 hectares.

O conceito de produção familiar é polêmico, entretanto para o marco deste trabalho, definimos como produtor familiar “aquele que utiliza a força de trabalho da família com contratação eventual de mão de obra, a maior parte da sua renda é proveniente da agricultura e possua área inferior a quatro módulos fiscais”.

Inúmeras discussões acerca da permanência ou não da agricultura familiar sob o modo de produção capitalista ainda se fazem presentes. Há uma série de abordagens que caminham pelo paradigma da diferenciação-proletarização das contribuições clássicas do marxismo e suas variantes; outras que dimensionam o marco teórico chayanoviano da especificidade do modo de produção camponês; e outras abordagens também com um viés marxista, como a tese agroindustrial, que busca reinterpretar o processo modernizador das forças produtivas, admitindo a complexidade das relações na determinação da dinâmica das novas estruturas sociais rurais sob o modo de produção capitalista (TEDESCO, 1994). Este autor desenvolveu uma importante análise de como a unidade familiar da região de Marau – RS, Brasil, cria e recria sua sobrevivência, analisando as tessituras, as estratégias, algumas formas que norteiam as relações sociais, produtivas e simbólicas que a forma integrada de produção exige e articula, ou seja, perceber a articulação dos processos produtivos rurais dentro da dinâmica agroindustrial.

A propósito dessa discussão convém citar as projeções feitas por JANK (1996) sobre a competitividade do agribusiness brasileiro no sistema carnes, e que devem preocupar os produtores familiares de frangos e suínos da região sul do Brasil. Analisando o setor de suínos nos EUA, BARKEMA & COOK, citado por JANK (1997) concluem que, em função do ajuste estrutural que está em andamento no sistema agroindustrial norte americano, está havendo um intenso processo de seleção e concentração de firmas no âmbito do sistema carnes, resultando em poucos e grandes produtores com fortes ligações contratuais com um pequeno número de grandes processadores. Esse ajuste se dá principalmente em função do aproveitamento de economias de escala e escopo, acesso e capacidade de assimilação das novas tecnologias, especificidades de localização dos agentes, decisões empresariais em termos de estruturas organizacionais, entre outros. Segundo o autor, mesmo sem ter sido testado empiricamente, este trabalho indica que tal concentração também tende a ocorrer no Brasil. Na área de frangos e suínos, o módulo médio de produção cresce rapidamente, tanto na região sul, como, principalmente, nos novos sistemas que vêm sendo construídos na região centro-oeste. Ainda de acordo com os autores americanos, os custos de produção dos suinocultores americanos que alojam 10.000 suínos por ano são cerca de 30% inferiores aos dos que alojam 140 animais. O módulo médio da avicultura norte-americana é da ordem de 100.000 frangos ano por produtor, ou seja, oito vezes maior do que o módulo médio da região sul do Brasil.

A unidade familiar é um processo que está sendo constantemente redefinido pelo capital. O integrado é um produtor de mercadorias para agroindústrias e outros setores que objetivam a circulação mercantil. Mesmo sendo proprietário da terra e de outros meios de produção, tem a

organização da produção determinada externamente pela agroindústria (TEDESCO, 1994), e acrescenta-se que hoje, em grande medida, pelos segmentos que atuam na distribuição onde, pelo fato de estarem mais próximos do mercado consumidor, começam a emitir sinais para trás na cadeia produtiva, influenciando também nas tecnologias e processos produtivos, seja nos segmentos fornecedores para a agricultura, nas unidades agrícolas ou mesmo nas agroindústrias. No âmbito global, embora o produtor integrado conserve certa autonomia tanto produtiva como de meios e de relações empregadas no processo de produção, o segmento industrial do setor é que tem revolucionado a base técnica do processo produtivo e praticamente assumido o controle estratégico das cadeias de frangos e suínos. A atividade está inserida num universo tecnológico, o qual exige um completo sincronismo e simultaneidade entre o mercado, a empresa e o produtor, onde todas as práticas são controladas organicamente pela empresa.

Entretanto, alguns setores da sociedade começam a questionar algumas “tecnologias de ponta” (novas biotecnologias e engenharia genética associadas a produtos químicos, como hormônios por exemplo) empregadas nas cadeias produtivas, fazendo com que, por um lado, as indústrias tenham que redirecionar suas pesquisas e/ou substituir processos, e por outro, se abra um espaço para sistemas alternativos de produção mais preocupados com as questões ambientais, agroecológicas e aspectos de saúde e nutrição. As chamadas “barreiras ecológicas” que impedem o comércio de carcaças que não atendem aos padrões mínimos de respeito ao meio ambiente e ao bem estar dos animais, constituem uma realidade mundial que tende a se ampliar nos próximos anos, especialmente no âmbito da Organização Mundial do Comércio (JANK, 1996). Além de um movimento que começa a partir do consumidor/cidadão, preocupado não só com o produto final em si, mas com o processo produtivo pelo qual ele passou (JOHN WILKINSON, comunicação pessoal, setembro de 1997).

Pela questão levantada anteriormente do conflito distributivo na cadeia agroalimentar, nem todos os segmentos possuem rendimento satisfatório. Por isso entrevistou-se os produtores, que têm baixo poder de negociação ante a agroindústria, buscando perceber até que ponto esta perspectiva otimista para o setor como um todo, está se refletindo dentro da porteira.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo de caso, foi desenvolvido através da aplicação de questionários semi-fechados para produtores que trabalham no sistema de integração com agroindústrias, na região da Encosta Superior do Nordeste, compreendendo os municípios de Serafina Corrêa, Guaporé, União da Serra e Montauri. Os produtores foram selecionados pelos seguintes critérios: produtores assistidos pelo órgão de Extensão Rural do Estado do RS; dispersão territorial, tempo de participação no sistema de integração e estar enquadrado naquele conceito de agricultor familiar citado anteriormente.

Foram utilizados também dados de fontes secundárias das agroindústrias, Prefeituras dos municípios citados, ABAG-RS, da cooperativa Cosuel, além de trabalhos recentes sobre a questão agroindustrial. As entrevistas foram realizadas nos meses de janeiro à março de 1997 e os dados foram tabulados e analisados durante o período de maio de 1997 a fevereiro de 1998.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

SUINOCULTORES

Dentro do universo de suinocultores entrevistados, 68% responderam que estão satisfeitos na atividade, conforme apresentado na Figura 1.

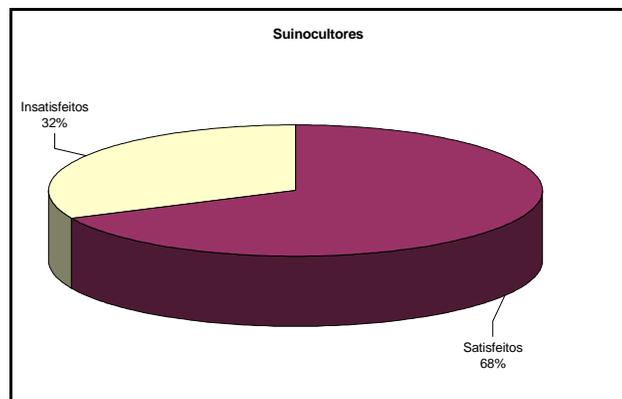


Figura 1: Satisfação dos Suinocultores com o sistema de parceria

Entre os motivos arrolados para justificar este nível de satisfação os produtores apontaram: segurança financeira; a regularidade da entrada de recursos na propriedade; baixa necessidade de mão de obra; retorno do capital, apesar da necessidade de investimento inicial elevado; não desembolso de capital para o custeio da atividade e a organização do sistema que, acaba refletindo na propriedade como um todo. Este último item chamou atenção pelo fato de balizar o comportamento gerencial que acaba se transferindo para outras atividades dentro da propriedade.

Os não satisfeitos (32%) apontaram como principais motivos: um rendimento menor, na comparação com períodos anteriores, em função do maior tempo de permanência com o lote e a conseqüente menor rotação do capital; alto custo inicial do investimento e o processo ininterrupto de trabalho, não permitindo folga para o responsável pelo manejo do sistema.

Segundo os entrevistados, 63 % estão no sistema de parceria à menos de 5 anos e os demais à menos de 10 anos. Como neste período o capital investido ainda não sofreu uma depreciação que exigisse sua reposição, os produtores ainda não puderam avaliar se estão em uma situação econômica realmente estável.

Entre os satisfeitos, apenas 30% tem na suinocultura sua atividade de maior importância econômica e entre os insatisfeitos, 50 % tem a suinocultura como principal atividade na sua unidade de produção, conforme a Figura 2. No primeiro grupo percebe-se uma maior diversificação das atividades, já que esta encontra-se até na quarta opção dentro da propriedade.

É importante notar que na época em que foram realizadas as entrevistas a suinocultura estava em um período de ascensão de preços e o milho vinha registrando um declínio sensível. A Figura 3 mostra a variação percentual dos preços do milho, do frango e do suíno em função da média dos últimos 3 anos, segundo a EMATER/RS com valores não deflacionados já que o produtor nem sempre compreende bem a variação de preços quando são corrigidos pela inflação.

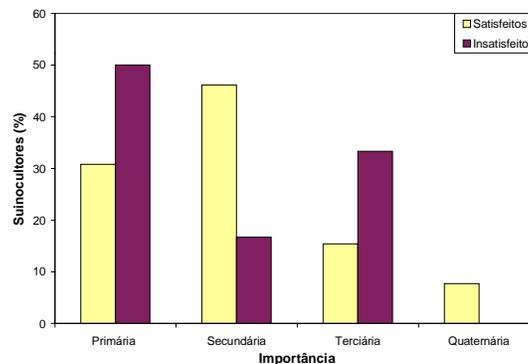


Figura 2 - Importância da suinocultura de parceria na unidade de produção

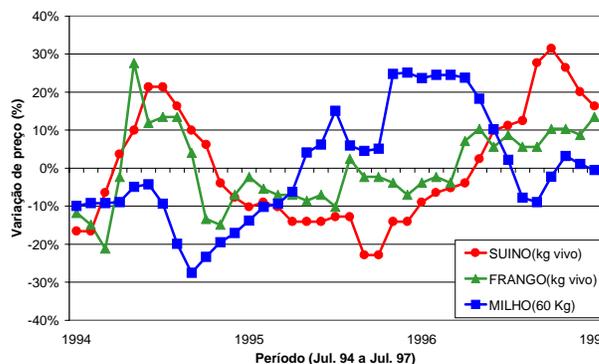


Figura 3 - Variação percentual dos preços dos suínos (kg vivo) e do milho (sc/60kg) em relação à média do período de julho/94 e Julho/97 (não deflacionado).

Dos produtores entrevistados, 60% dos satisfeitos responderam que o resultado econômico na maioria das vezes é satisfatório. Ao contrário, 65% dos insatisfeitos responderam que o resultado econômico na maioria das vezes é insatisfatório. Paradoxalmente, 16% dos produtores insatisfeitos responderam que o rendimento econômico é sempre satisfatório. Isto pode indicar que, no âmbito da agricultura familiar, nem sempre a questão estritamente econômica é decisiva no grau de satisfação. Neste caso, conforme indicado anteriormente, questões como: estabilidade na atividade; regularidade na entrada de recursos financeiros na propriedade; não desembolso inicial de capital; a organização do sistema e o trabalho intensivo e ininterrupto, foram fundamentais no conjunto de variáveis que apontaram para a satisfação ou insatisfação dos produtores integrados.

Com relação a estabilidade da atividade, 65% dos entrevistados afirmaram que o sistema de integração (parceria) na suinocultura tem sido estável ao longo dos anos, se constituindo numa variável decisiva no conjunto dos produtores satisfeitos.

Em relação à tecnologia empregada, não foi exigido conhecimento prévio dos produtores participantes, e 79 % destes produtores receberam treinamento prévio. Isto pode refletir o interesse da empresa em que o novo integrado não tenha vícios de comportamento. Mesmo os produtores que

não recebem treinamento, recebem a tecnologia através de visitas de técnicos, sendo duas, no mínimo, por lote recebido.

Com relação aos bens de conforto, como energia elétrica, estrutura sanitária, antena parabólica, etc, não houve diferenças entre os grupos (satisfeitos e insatisfeitos). Entretanto, em relação aos bens envolvidos na produção, os

insatisfeitos apresentaram um percentual maior de máquinas e implementos que os satisfeitos, conforme a Figura 4. O grau de insatisfação, portanto, pode estar relacionado com maiores gastos em manutenção e operação do maquinário existente, o que aumenta os custos de produção.

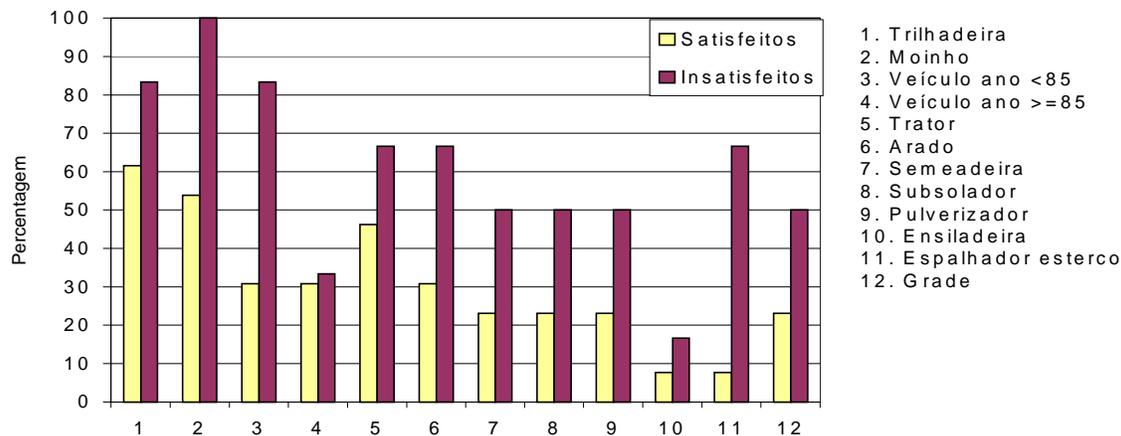


Figura 4 - Quantidade de bens de produção dos produtores entrevistados

Outro fato a ser destacado é que os produtores insatisfeitos tem uma participação mais ativa em cooperativas e associações, assinam mais revistas e jornais e utilizam mais crédito que os satisfeitos, conforme a Figura 5. Isto permite

concluir que os produtores insatisfeitos estão mais bem informados e tem uma expectativa com maior grau de exigências em relação ao seu nível de satisfação.

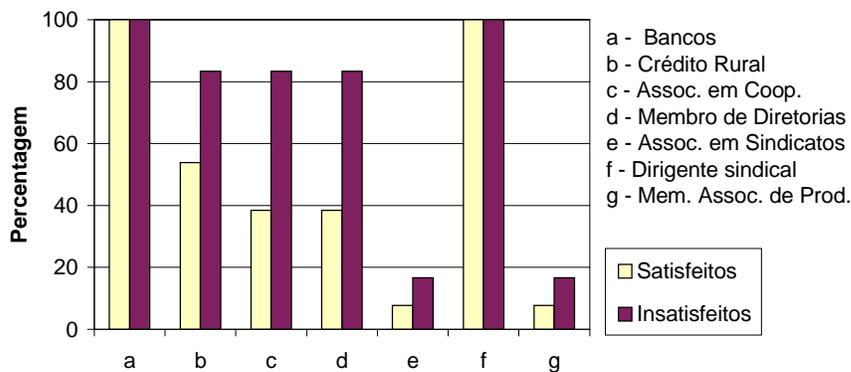


Figura 5 – Produtores satisfeitos e insatisfeitos e sua inserção social

AVICULTORES

No caso dos produtores de aves, 59% dos entrevistados estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a atividade, conforme a Figura 6. Os principais argumentos para justificar esta satisfação são os seguintes: não há desembolso inicial para custeio da atividade; resíduos orgânicos para as atividades de lavoura; garantia de comercialização da produção; segurança pela economia de escala; periodicidade e boa rentabilidade se comparada a outras atividades; possibilidade de diversificação da propriedade.

Os insatisfeitos (41%) indicaram os seguintes problemas como motivos para a insatisfação: rendimento menor quando comparado a períodos anteriores, gerando menor

remuneração; investimento inicial alto; o processo ininterrupto de trabalho, não permitindo nenhuma folga por parte do responsável pelo manejo do sistema.

Do universo dos produtores entrevistados, 60% estão trabalhando no atual sistema a menos de 5 anos e são poucos os casos de produtores que estão trabalhando em parceria a mais de 10 anos. Assim como no caso dos suínos, o capital investido ainda não sofreu um volume de depreciação que exigisse sua reposição, e em consequência, os produtores ainda não puderam avaliar se estão em uma situação econômica realmente estável.

Com relação a importância que a avicultura representa dentro destas propriedades, 69% dos satisfeitos a possuem como a principal fonte de renda, e os restantes (31%) a tem

como segunda fonte. Já entre os insatisfeitos, 54 % tem a avicultura como principal atividade, e 28% a elegeram como sendo a segunda atividade econômica mais importante, conforme demonstra a Figura 6

Dos produtores satisfeitos entrevistados, 80% responderam que o resultado econômico na maioria das vezes é satisfatório. Já entre os insatisfeitos, 73% responderam que o rendimento econômico na maioria das vezes é insatisfatório, conforme a Figura 7.

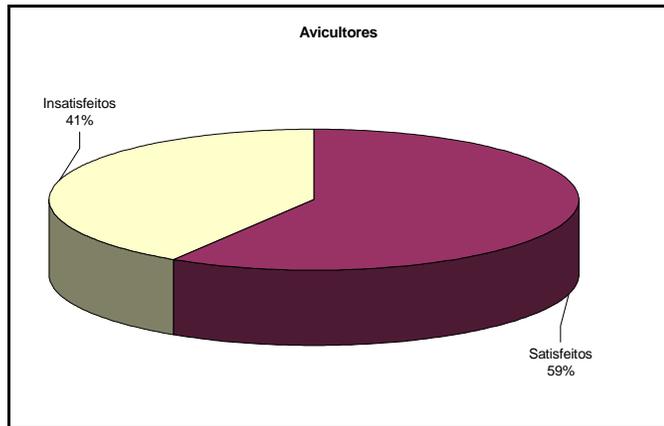


Figura 6: Satisfação dos avicultores entrevistados

Paradoxalmente, aproximadamente 25% dos produtores insatisfeitos responderam que o rendimento econômico é sempre, ou na maioria das vezes, satisfatório. Assim como no caso dos suínos, isto pode indicar que, no âmbito da agricultura familiar, nem sempre a questão estritamente econômica é decisiva no grau de satisfação. Também neste caso, questões como a estabilidade na atividade; aproveitamento de resíduos para lavouras; regularidade na entrada de recursos financeiros na propriedade; não desembolso inicial de capital; o reflexo da organização do sistema na propriedade como um todo; e o trabalho intenso e ininterrupto, foram fundamentais no conjunto de variáveis que apontaram para a satisfação ou insatisfação dos produtores integrados de aves.

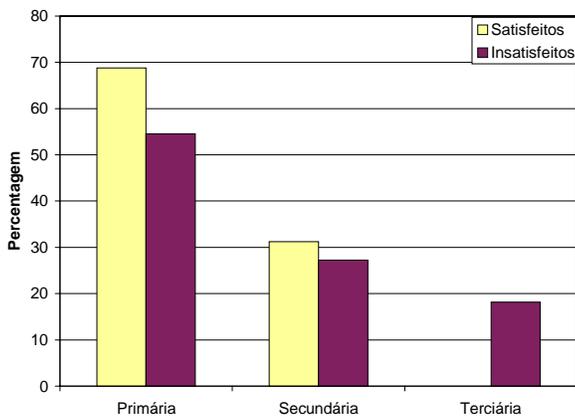


Figura 7 - Importância da avicultura integrada na unidade de produção

Quanto às respostas relativas ao resultado econômico, deve ser considerado que o preço do frango manteve-se, desde meados de 1995 até o final de 1996, abaixo dos preços médios históricos. Ao contrário, o milho manteve-se um pouco acima do preço médio histórico o que, no conjunto, coloca a atividade em situação desfavorável neste período.

Com relação a estabilidade da atividade, cabe salientar que mais de 80% de todos os entrevistados afirmaram que o sistema de integração na avicultura tem sido estável ao longo dos anos, se constituindo numa variável decisiva no conjunto dos produtores.

CONCLUSÕES

A visão dos produtores de suínos e aves sobre o processo de integração com as agroindústrias permite concluir que:

- No âmbito da agricultura familiar, nem sempre a questão estritamente econômica é decisiva no nível de satisfação;
- Questões como estabilidade, segurança, não desembolso de capital para custeio dos lotes, aproveitamento de resíduos orgânicos, regularidade na entrada de recursos financeiros na propriedade, são fatores decisivos para os produtores satisfeitos na cadeia produtiva;
- O trabalho ininterrupto, o grande desembolso inicial para as instalações, a baixa remuneração na comparação com períodos anteriores, são motivos importantes para definir a insatisfação de uma parcela de produtores;
- Os produtores satisfeitos, em sua maioria diversificam nas suas propriedades;
- Os produtores insatisfeitos tem uma maior participação em sindicatos, cooperativas e associações de produtores, e possuem um maior número de benfeitorias, máquinas e equipamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUM, A.L.,(coord.); JANK, M.S.; LOPES, M.R. (1997) **A competitividade das cadeias agroindustriais no MERCOSUL**. Ijuí: UNIJUI, 308 páginas.
- JANK, Marcos S. (1996) **Competitividade do Agribusiness Brasileiro: Discussão Teórica e Evidências no Sistema Carnes**. FEA/USP, São Paulo, Tese de Doutorado, 195 páginas.
- TEDESCO, João C. (1994). **O produtor familiar e a agroindústria**. in Cadernos de Sociologia, PPGS/UFRGS, Porto Alegre, v.6, p. 112-132.
- ZILBERSZTAJN, D.; FARINA, E.M.Q. (1991). **A integração Latino-Americana e o sistema agroindustrial**. in: Mercosul: impasses e alternativas. São Paulo: IEA-USP, Tomo 3, Série Assuntos Internacionais, p. 29-53.